

A SUSTENTABILIDADE NA ALDEIA RANCHO JACARÉ

Rosenildo Barbosa de Carvalho (G –UFGD/FAED)¹

Nely Aparecida Maciel (Co-autora – UFGD/FAED)²

Neste trabalho, trataremos da organização da sustentabilidade no que diz respeito à formação de roças comunitárias na aldeia Rancho Jacaré, localizada no município de Laguna Caarapã, MS. Nesta localidade, atualmente, vivem, aproximadamente, 500 pessoas da etnia Guarani e Kaiowá da família linguística Tupi Guarani.

A comunidade é organizada por família extensa, em que a autoridade maior é o cacique que conta com equipes de representantes que ajudam nas articulações em busca de projetos que beneficiem a comunidade. Seus parceiros são os professores, a associação de mulheres, os agentes de saúde, os representante de alunos, dos agricultores, dos jovens e os idosos; que são nossos historiadores, que nos ajudam nas articulações e na organização social da aldeia Rancho Jacaré.

Dentre os projetos implantados na comunidade, a população já foi beneficiada com o Programa Habitacional, o Projeto Mandala, implantado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), com a construção e funcionamento do Posto de Saúde implementado pela Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), e também com a construção do prédio da escola pelo Ministério de Educação (MEC) em parceria com a prefeitura Municipal de Laguna Caarapã. Além desses projetos, a comunidade conta ainda com a roça comunitária, existente na aldeia desde a fundação deste *tekoha*. Essa roça funciona em parceria com a escola indígena, desenvolvendo teoria e prática sobre a sustentabilidade das famílias desta comunidade.

A partir da conquista da terra, os moradores começaram a plantar seu próprio sustento tendo em vista a sua organização social. Com o passar do tempo, mudou muito, as ONGs começaram a interferir nas organizações do *tekoha*. Da mesma forma, as instituições e os políticos começaram a trazer cestas básicas e projetos de interesse

¹ Acadêmico do terceiro ano do curso de Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu* da UFGD-FAED/Ciências Sociais.

² Professora do curso de Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu* da UFGD-FAED/Ciências Sociais.

deles, como também as grandes empresas começaram a incentivar e a levar os indígenas para trabalhar fora da aldeia.

Atualmente, depois de tantos problemas enfrentados, como mudança na cultura, redução do espaço tradicional e alteração do meio ambiente, torna-se quase impossível a sobrevivência dos Guarani e Kaiowá neste contexto. Destaca-se ainda a dificuldade de produção econômica, a insuficiência de produção de alimentos para o consumo interno e a ausência de mecanismos de geração de renda, o que tem levado esta comunidade a buscar alternativas para a sustentabilidade da comunidade. Por esse motivo, continuamos com o projeto *Kokue Mbo'epy reñoĩ renda*, que busca suprir, por meio da roça comunitária, necessidades nutricionais. Tais necessidades são encontradas em grande número nas comunidades indígenas da região. Esse projeto coloca em prática a interação dos alunos e professores que atuam na comunidade.

Existem outros projetos que serão implantados ao redor da escola, oferecendo assim uma disciplina educativa e reaproveitável, pois os alunos poderão levar informações e técnicas do cultivo de roça, horta, plantas medicinais e frutíferas nativas para suas famílias. Tendo esses conhecimentos sobre agricultura familiar sustentável e sendo avaliada como importante na disciplina dos alunos, isso pode gerar um impulso de grande valor para o desenvolvimento do *Kokue Mbo'epy reñoĩ renda*. Sendo assim, o aluno poderá difundir-se em meio à disciplina interessando-se cada vez mais pela agricultura sustentável e adquirindo conhecimento ao longo das aulas.

Por uma necessidade de gestar o território na aldeia e de manter a sustentabilidade do povo Guarani e Kaiowá que nela habita, pensou-se em reativar o projeto de roça comunitária. Para tanto, procurou-se desenvolver o papel do educador; como articulador das reuniões e organizador de ideias diante das necessidades do povo da aldeia. Através de reuniões, realizadas por famílias extensas, surge a ideia de montar um conselho. Este foi efetivado com membros de todos os setores da aldeia. Esses membros ficam encarregados de administrar as dificuldades encontradas na realidade do dia a dia da aldeia.

A roça comunitária surgiu no ano de 1978, com a luta pela demarcação deste *tekoha*, onde já habitavam 116 famílias. A ideia nasceu pela segurança das famílias, em que com essa estratégia todos estariam juntos, produziram juntos seus alimentos e sustentos das famílias.

O trabalho da roça era dividido de acordo com o sexo, as mulheres plantavam os alimentos que somente elas podiam plantar e os homens também tinham seus plantios

certos. No período de limpeza e colheita da roça, os grupos se reuniam e todos se ajudavam. O alimento era plantado para o consumo das famílias, sem a ajuda de órgão nenhum. Eles usavam sua força física, suas técnicas para produzir seu próprio alimento. Nessa época, as famílias eram mais unidas nas decisões, nas discussões, valorizando os mitos que eram ensinados na casa de reza. Eles tinham um ensinamento controlado pelas tradições indígenas. Nas plantações seguiam esses conhecimentos; o que planejava dava certo. Eles tinham um local onde plantavam a roça com vários tipos de alimentos, como, por exemplo, arroz, milho branco, vários tipos de feijão catador, melancia, mandioca, batata, amendoim, cará, abóbora, dentre outros. Além disso, eles tinham uma roça separada onde plantavam o que utilizavam na casa de reza durante os rituais do batismo, do guachire e outros. Da colheita dos produtos dessa roça, produziam artesanatos como o chocalho, chamado de *piri* ou *poey*. Esse lugar ficava à beira do rio que atualmente leva o nome de Tatuí.

O resultado desse trabalho é que todos tinham alimentos suficientes para viver e alimentar as suas famílias, usando, para isso, suas técnicas, como a reza sem necessitar utilizar agrotóxico e trator.

Esse local era fácil de limpar. Os brotos que nasciam secavam e depois eram queimados o que servia de adubo. Para defender-se das formigas e dos insetos utilizavam-se das rezas.

Com as mudanças, as famílias foram se espalhando umas das outras indo para outros *tekoha*, restando apenas algumas famílias que continuaram essas práticas. O trabalho oferecido nas fazendas também contribuiu para a desestruturação das famílias. Os órgãos governamentais e ONGs começaram a trazer projetos para a aldeia, incentivando os agricultores a fazerem roças individuais. Muitos desses órgãos não tiveram sucesso, porque não ouviram as famílias e o que elas necessitavam.

Muitos agricultores plantam roça individual, mas sempre utilizam o *pucherõ* (multirão), em que todos os agricultores se reúnem e limpam a roça juntos. Atualmente, um grupo de vinte famílias ainda trabalha nessa roça comunitária. Mudaram a forma de trabalhar, plantam para o consumo e para vender, obtendo sua própria autonomia.

Em reuniões já discutiram várias vezes a manutenção dessas roças, pois muitos homens as abandonam para trabalhar nas fazendas, enquanto outros querem mantê-las. Nesse momento é que entra o trabalho da educação escolar indígena, incentivando os agricultores e alunos a trabalhar na roça comunitária. Hoje, estamos trabalhando a motivação dessas famílias agricultoras. Por meio de reuniões com os pais e os alunos,

queremos que a roça comunitária seja uma extensão da escola, oportunizando aos alunos sua participação nesse trabalho.

Através desse trabalho, já adquirimos o Projeto de Mandala, que envolve os alunos da *Mbo'epy reñoĩ renda*. Tal projeto beneficiará a fonte nutricional para alimentação indígena através das hortaliças, das plantas frutíferas que se encontram em escassez. A escola vai trabalhar uma disciplina de ensino que favorecerá não só os alunos, mas também os professores e pais. Com isso, acredita-se em novas aprendizagens e difusão dos conhecimentos, já que os alunos levarão os conhecimentos que aprenderam na escola para suas casas. Assim, poderão trabalhar, por exemplo, com hortas caseiras, reforçando futuramente a fonte nutricional dentro de casa, o que proporcionará ainda o conhecendo das técnicas indígenas e não-indígenas sobre plantios. Pode-se, com isso, diminuir o índice de desnutrição e má alimentação entre as crianças, por exemplo. Esse projeto desenvolverá nos alunos a capacidade de buscar alternativas para a produção de sustentabilidade própria e interesse pela roça comunitária.

Para melhor compreender o objetivo deste trabalho, termino com o depoimento de uma senhora que trabalhou na roça comunitária, dona Rosita Benites, que tem setenta e oito anos e lembra do seu tempo de trabalho:

Eu quero relatar que ajudei meus pais nessa roça comunitária era tão bom que nos tínhamos tudo que precisávamos, o resto da nossa alimentação a natureza nos completava. Da roça a gente podia comer o que queria, mamão, batata, milho branco, cara, chipa, etc. Todos os alimentos eram levados para a casa de reza, para agradecer o nosso Tupã Ñanderu pelo que plantamos e colhemos. As festas que aconteciam na casa de reza tinha um pouco de cada alimento que era tirado da roça comunitária. Atualmente precisamos ensinar isso para os nossos filhos, e quem pode ensinar essas práticas teóricas são os professores índios que vem estudando, se preparando para contribuir na educação escolar indígena. Nessa escola eles precisam ser parceiros da roça, o único lugar que pode trabalhar nos conteúdos e ensinar esse valor da importância que vamos deixar da roça comunitária, dessa riqueza de onde busca o sustento de nossos povos a muitos anos e que futuramente eles também buscarão essa sustentabilidade de sua família, essa autonomia de ser um índio que estuda e defende seus direitos, sua terra, que não só pensa nele, mas em todos e na sobrevivência de seu povo Guarani e Kaiowá.

Dona Rosita trata da importância de trabalhar a roça comunitária e consequentemente da fartura que ela traz. Fala também que é fundamental o papel do professor ao desempenhar a função de mediador desses trabalhos.

O objetivo deste trabalho é expor os problemas encontrados na aldeia e pensar as possíveis soluções junto com a escola indígena da aldeia Rancho Jacaré. Para continuar este trabalho que apresento hoje, buscarei os métodos da História Oral, da Etnografia, como também realizarei uma pesquisa bibliográfica. Serão realizadas conversas com os Guarani e Kaiowá mais velhos e também com os de outros setores da aldeia, e com eles procurarei construir uma organização para a sustentabilidade da comunidade Rancho Jacaré. Vale ressaltar que este estudo terá continuidade no trabalho final de graduação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA:

Fonte Oral:

ROSITA BENITES (aldeia Rancho Jacaré). Fita nº. 1. Entrevista feita na língua Guarani, traduzida e transcrita por Rosenildo Barbosa de Carvalho. Em de 17 de agosto de 2009.